

**O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro:
dos subúrbios à Zona Sul.
A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da
Capital Federal (1914-1923)**

João Manuel Malaia ¹

Resumo

O futebol ainda tem uma participação tímida como objeto de estudo em História Econômica. Neste artigo, a proposta é estudar o futebol como uma verdadeira janela para a reconstrução dos aspectos mais variados da economia e sociedade brasileiras no período de 1914 a 1923 na cidade do Rio de Janeiro. Uma análise do capitalismo à luz do futebol, das estruturas das ligas que organizavam os torneios e da formação de um verdadeiro batalhão de jogadores nos campos de subúrbio da cidade, prontos para alimentar os clubes ricos da cidade que estivessem dispostos a romper com a barreira do amadorismo e do racismo presentes no futebol. O primeiro a tomar a atitude de pagar esses jogadores e montar um esquadrão de jogadores de origem humilde foi o Vasco da Gama revolucionando as práticas do futebol no Brasil.

Palavras-chave: Profissionalização do futebol; Economia e sociedade brasileira; Rio de Janeiro.

Abstract

Football is not often used as an object of study in Economic History. The main purpose of this article is to study football as a window to rebuild important aspects of the Brazilian economy and society, between 1914 and 1923, in Rio de Janeiro. Football is used to analyze the Brazilian's capitalism formation by the development of the professionalization of this sport, checking the unique Brazilian's leagues structure, and studying the formation of a labor market of poor players in the suburbs of the city. These players only played football and tried to live of this activity, becoming soon professionals in the richest clubs in Rio. The first team to hire several poor players was Vasco da Gama introducing revolutionary attitudes in Brazilian football and accelerating the professionalization of football players.

Keywords: Football professionalization; Brazilian economy and society; Rio de Janeiro.

Códigos JEL: N36, N96.

(1) Doutorando em História Econômica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: jmalaia@usp.br

Introdução

Neste artigo proponho-me a fazer uma breve análise dos fatores que influenciaram na geração de renda no futebol, do processo inicial de profissionalização nesse esporte e da organização estrutural dos campeonatos no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro. Ainda que o pagamento de jogadores por suas atividades fosse considerado ilegal (o profissionalismo oficial só aconteceu dentro da lógica trabalhista do governo Vargas, em 1933), o recrutamento dos jogadores mais humildes das zonas suburbanas da cidade aliado ao pagamento de prêmios em dinheiro por vitória, o “bicho”, e de gordas ajudas de custo, possibilitaram a entrada de elementos pertencentes às camadas mais inferiores da sociedade e transformaram definitivamente a estrutura do futebol no país. Além disso, um segmento novo da economia ganhava força, ligado às atividades esportivas e à indústria do entretenimento. Esses acontecimentos serão tratados dentro do contexto histórico do início do século XX e o futebol será a janela para o entendimento dos mais variados aspectos da economia e da sociedade brasileiras do período.

1 O futebol como objeto da História Econômica

A utilização do futebol como objeto de pesquisa em História vem se tornando uma realidade. O número de obras nesta linha vem aumentando ano a ano, quantitativa e qualitativamente. O que ainda carece de um número de obras consideráveis é um estudo encarando o futebol como uma verdadeira “janela” para a compreensão dos mais variados aspectos da história brasileira. E esta é a realidade em estudos de História Econômica. Neste campo, as dificuldades que se encontram para a pesquisa são muito maiores do que no caso das pesquisas em história social, campo que apresenta um número maior de obras, muito usadas para a elaboração deste artigo.

Um aspecto importante a ter em conta para a análise do futebol como parte integrante da economia do período é que a referência à teoria econômica é obrigatória para a análise de qualquer mecanismo de funcionamento da sociedade capitalista.² No caso do futebol e de sua estruturação econômica, fatores como o **trabalho** (dos jogadores, técnicos e funcionários dos campos) é combinado com o **capital** investido (nos campos,

(2) Cardoso (1983, p. 260).

nos estádios, nos equipamentos usados pelos jogadores, em funcionários contratados para a organização do espetáculo e manutenção do clube) para produzir com outros times de uma liga um **produto** (o jogo) para ser vendido a **consumidores** (espectadores e torcedores) em uma praça esportiva adequada para recebê-los (Downward, 2000, p. 5). Este trabalho busca, no entanto, uma “percepção mais ampla da economia, situada em perspectiva teórica permeável às manifestações sociais, políticas, culturais” (Moura, 2006).

Num momento embrionário do crescimento de uma economia do futebol, como foi o período escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, é raro encontrar registros oficiais do mundo do futebol. Enquanto na Inglaterra e nos Estados Unidos, as ligas profissionais de *football* e de *baseball*, respectivamente, já existiam e em conjunto com os clubes se desenvolviam profissionalmente registrando toda a atividade econômica, aqui a situação é diferente. O futebol era um esporte, um símbolo da civilização europeia, e como tal deveria única e exclusivamente providenciar o “engrandecimento da raça”, movimento que deveria ser conduzido pela elite das grandes capitais. Aspecto da cultura dominante, não poderia ser uma forma de se ganhar dinheiro. Para ninguém: nem para os jogadores, nem para treinadores, nem para os dirigentes dos clubes e das entidades que regulamentavam o futebol, devendo prevalecer o amadorismo. Um amadorismo que se transformou em “amadorismo-marrom”, o amadorismo disfarçado, com o nascimento do brasileiroíssimo “bicho”, para posteriormente se profissionalizar, com medo da fuga dos craques para os países aonde já se praticava o futebol profissional, como a Espanha, a Argentina e o Uruguai. Portanto não havia necessidade, muito menos interesse em se registrar dados referentes ao surgimento deste novo segmento. Quando foram preservados, os documentos se encontravam nos arquivos dos clubes e foram praticamente vedados ao público e aos pesquisadores, demonstrando que as práticas oligárquicas permanecem permeando as relações de poder existentes nos clubes de futebol do Brasil.

O futebol chegou ao país em 1894 e demorou a se estruturar economicamente, como já havia ocorrido nos países mais industrializados e urbanizados. A Inglaterra, país que contava com jogadores profissionais desde 1885,³ já havia passado por seu processo de industrialização e contava com grandes cidades muito antes do Brasil e da maioria dos países do mundo.

(3) Cain e Haddock (2005) e Dobson e Goddard (1998, p. 1120).

A concentração populacional nessas cidades e o ritmo de trabalho nas indústrias criavam um período de descanso na vida dos trabalhadores. Além do domingo, dia reservado para as atividades religiosas, a conquista da “semana inglesa” pelos trabalhadores deixava o sábado à tarde vago, um tempo livre para uma grande parte da população que foi aproveitado pelas ligas de futebol para criar divertimento para a classe trabalhadora inglesa. Transformados em espetáculos fechados, os esportes, principalmente o futebol, passaram a se transformar num importante segmento da economia dessas cidades. O esporte profissional e comercializável era uma realidade nesse país, antes do futebol sequer chegar ao Brasil.

A cidade do Rio de Janeiro foi a que primeiro apresentou um considerável crescimento industrial no início do século XX. Essa nova dinâmica na economia da cidade atraiu um número grande de trabalhadores para as zonas urbana e suburbana da cidade, oriundos das zonas rurais ou de outros países durante o processo de imigração. De acordo com os dados dos censos de 1920, a cidade contava com 638 empresas industriais. Comparando esses dados com os apresentados pelo censo de 1906, nota-se um crescimento da população carioca em zonas urbanas de 28% e de 92% nas zonas suburbanas. A cidade iniciava o ano de 1920 com 1.147.599 habitantes.⁴ O Brasil encontrava-se na fase de industrialização extensiva, em que “a substituição ocorre na faixa dos bens de consumo corrente, de alguns produtos intermediários e de bens de capital, cuja tecnologia exige baixa densidade de capital, e, mesmo, de bens de consumo duráveis ‘leves’, produzindo-se um ‘alargamento de capital’, com uso abundante de mão-de-obra e expansão horizontal de mercado” (Mello, 1982, p. 93). O Brasil, especialmente suas cidades mais industrializadas, passava por este processo, que João Manuel Cardoso de Mello define como uma **industrialização capitalista retardatária**. O futebol, na passagem do amadorismo para o profissionalismo, parece se encaixar neste modelo. Com a migração de escravos libertos da zona rural para a zona urbana, a intensificação da imigração e o saneamento do Rio de Janeiro, a oferta de mão-de-obra ampliou-se. Isso favorecia ainda mais a expansão industrial e a formação de um grande mercado consumidor. A partir de 1918, nota-se um aumento nos salários, em geral maior que o custo de alimentação, tendência que permaneceu até 1930 (Lobo, 1978, p. 469). O aumento das rendas nos

(4) Mortara (1947, p. 72-73) e *Recenseamento do Brasil de 1920*.

estádios de futebol desse período parece estar em consonância com a ampliação do mercado consumidor produzido por esse tipo de processo de industrialização. São mais trabalhadores assalariados que buscavam momentos de lazer. Não tardou para que o futebol virasse uma febre na cidade. Não só espectadores, mas muitos clubes brotavam em todos os cantos.

Uma dos aspectos a ser analisado neste artigo é que mesmo antes dos jogadores ganharem os seus primeiros “prêmios” para jogar e treinar nos clubes, o mundo do futebol já gerava uma quantidade enorme de dinheiro. E não eram os jogadores os que se beneficiavam com o dinheiro gerado pelos jogos através da cobrança das entradas nos estádios. Durante muito tempo, a maior parte do lucro do futebol era usado para sustentar os outros esportes dos clubes como comprovam os Relatórios Anuais do Fluminense, de 1911 a 1932.⁵

Outro elemento importante deste trabalho é demonstrar a formação de um grupo de jogadores de futebol com tempo e vontade para se dedicarem exclusivamente a esse esporte, abrindo espaço para uma fase inicial do profissionalismo, dinamizando ainda mais a possibilidade de trabalho, ainda que informal, na cidade. Eram os jogadores dos times do subúrbio no Rio de Janeiro. Clubes pobres, com mensalidades muito baratas e espaço para a constituição de campos para a prática do jogo. Uma vez que era impossível pagar as taxas cobradas pelas ligas mais poderosas da cidade, como a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), eram organizadas nos subúrbios ligas mais modestas que aceitavam os times mais humildes da cidade. Esses times eram formados por um verdadeiro batalhão de jogadores, que passavam o dia jogando futebol, sendo recrutados posteriormente pelos grandes clubes do Rio de Janeiro. Os clubes mandavam observadores aos jogos das ligas suburbanas para indicarem os melhores jogadores, negros e mulatos inclusive, para os times ricos da cidade, rompendo barreiras muitas vezes criadas pelos próprios clubes da elite. Um dos clubes com papel decisivo nesse processo foi o Vasco da Gama, que a partir de 1919 passou a recrutar vários jogadores dos times suburbanos. Mudou o aspecto do seu time principal e da sua própria torcida, uma vez que os torcedores de mais baixa renda se identificavam com os jogadores do Vasco, nada parecidos com os

(5) Os *Relatórios Anuais* encontram-se na Biblioteca do Fluminense Football Club e foram amplamente usados para as pesquisas.

meninos da elite que compunham os times grandes como Fluminense, Flamengo, América e Botafogo. Esses clubes, os chamados clubes da elite do Rio, buscavam criar mecanismos que impedissem o acesso ao futebol às camadas menos favorecidas da sociedade. “Na verdade, a sociedade e a cultura da elite na capital continuaram a promover e a defender os interesses desta elite, ajudando a criar um sentimento de continuidade aristocrática, estabelecendo locais exclusivos para contatos e alianças, reforçando valores e pressupostos compartilhados e, mais importante talvez, promovendo um sentimento de legitimação”,⁶ afirma Jeffrey D. Needell, em *Belle Époque Tropical*. Os clubes acima citados eram esses “locais exclusivos para contatos”, e os de futebol também fariam este papel.

Este trabalho tem, como um de seus objetivos, tratar o futebol como uma verdadeira “instituição nacional”, para usar a expressão de Gilberto Freyre no prefácio da 1ª edição do que é, talvez, o maior clássico da literatura ligada ao futebol no Brasil, *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mario Filho. O futebol será a janela para o entendimento de um dos períodos mais ricos da história contemporânea do Brasil. Assim como a literatura, o cinema, a música, o teatro, as artes plásticas são formas de expressão das sociedades onde estão inseridas, o futebol também o é. O futebol fazia, e faz, parte da cultura popular, heterogênea e composta de elementos antagônicos. Inicialmente parte integrante da cultura dominante, teve a ele incorporados elementos da imigração e da própria herança africana, no momento em que foi reelaborado pelas classes subalternas com espaço aberto por alguns membros da elite de olho nos monstruosos ganhos que a popularização do futebol gerava. Deixou de ser um esporte exclusivo da camada dominante, um aspecto cultural dessa elite, para ser tomado pelas classes menos favorecidas em todo o Brasil. Sem querer estabelecer relações de causa e consequência, o que se procura fazer no presente trabalho é mostrar que no futebol se vivenciaram as principais mudanças e permanências da sociedade brasileira. Além disso, é importante estabelecer vínculos entre o crescimento dos clubes e de sua importância nacional com o processo de urbanização do Brasil, com o crescimento populacional, com a chegada de imigrantes para as grandes capitais e com o desenvolvimento econômico, particularmente industrial, da cidade do Rio de Janeiro e do próprio Brasil. Neste artigo encaro o futebol como um verdadeiro lugar em que estão postas as questões

(6) Needell (1993, p. 41).

econômicas e sociais que resultam em tensões que podem explodir ou ser aliviadas. Um estudo sobre o crescimento de um setor novo da economia brasileira, a indústria do entretenimento.

2 Esporte comercializável

2.1 A lógica dos estádios lotados

No futebol profissional atual, a geração de renda provém de fontes como o direito televisivo sobre as partidas da equipe, rendas dessas partidas obtidas através da venda de ingressos, publicidade e da venda de jogadores para outros clubes. Essas rendas são gastas em salários de jogadores, manutenção ou desenvolvimento dos estádios de futebol, manutenção das categorias de base e compra de jogadores de outros times. A distribuição dessas rendas se dá de acordo com a “produção” do time no campeonato, que determina a quantidade de público pagante, em todos os sentidos, e patrocinadores que o time consegue atrair. No início do futebol no Brasil a situação era bem diferente. Oficialmente, antes de 1933, não havia profissionalismo. Mas isso apenas oficialmente, pois a realidade apresentava-se muito diferente. Desde 1919 o time do Vasco vinha bancando praticamente todos os seus jogadores com prêmios em dinheiro por vitória. Cobravam-se ingressos para o público que queria assistir aos jogos dentro dos clubes e esse dinheiro era gasto em alguns investimentos que se faziam para aumentar ainda mais as rendas nos jogos de futebol, como por exemplo, a ampliação ou construção de estádios, locais apropriados para receberem grandes públicos. Já havia estádios grandes no Rio de Janeiro em 1919, como o Estádio Álvaro Chaves, do Fluminense, com capacidade para 18.000 pessoas e ampliado em 1922 para 25.000. A decisão de reformar e aumentar a capacidade do estádio foi fortemente influenciada pelos ingressos que mais 7.000 espectadores pagariam nas partidas de casa cheia. Desde 1904, há notícias de que mais de 5000 pessoas assistiam aos jogos mais importantes em São Paulo e no Rio de Janeiro. Para a manutenção do estádio e utilização em dias de jogos, muitas pessoas eram contratadas, gerando-se empregos nas mais variadas áreas. Já se faziam diversas apostas em jogos do campeonato e até cambista já existia.

O futebol já era profissional e só os “artistas” é que estavam impedidos de ganhar dinheiro. Uma barreira criada pela elite para impedir que os jogadores dedicados exclusivamente ao futebol, geralmente negros e

mulatos ou brancos pobres que atuavam nas ligas suburbanas, invadissem o futebol da elite do Rio de Janeiro. E como os jogadores tinham que ser amadores e jogar por amor à camisa, não podiam se transferir para outras equipes, limitando a possibilidade de ganho por parte dos clubes tanto com as transferências de atletas como com o maior público que iria aos estádios assistir aos novos craques do time. Ao mesmo tempo era necessário ter as melhores equipes para atrair mais público e gerar mais renda.

À medida que os estádios começaram a ficar mais cheios e a gerar mais dinheiro, a necessidade por vitórias aumentou e os fins começaram a justificar os meios. Fazia-se de tudo para ganhar jogos e campeonatos e o time do Vasco de 1923 mostrava que só um esquadrão com jogadores profissionais, que se dedicassem exclusivamente ao treinamento e à prática do futebol, poderia ser vitorioso. A profissionalização do futebol brasileiro se deu num momento de expansão industrial das grandes capitais que atraíam mais pessoas para as cidades e criava condições para que pudesse haver mais público nos estádios. Ressalta-se que é uma profissionalização do futebol brasileiro, e não simplesmente a profissionalização oficial do jogador de futebol brasileiro, que só acontece em 1933. A comercialização do futebol brasileiro começa muito antes. Os operários de indústrias, os trabalhadores dos portos, das ferrovias e do comércio eram assalariados e tinham seus horários de folga, geralmente aos finais de semana. E é exatamente por isso que a maioria dos jogos eram aos finais de semana.

Pode-se perceber que com o aumento de necessidade de vitórias, para atrair mais público, para gerar mais dinheiro, para poder pagar jogadores, o próprio jogo se tornou mais violento. Havia mais faltas, as jogadas eram mais ríspidas e o jogo ficou mais rápido. Mais uma vez, o Vasco foi o time que em 1923, ano em que estreou e venceu a 1ª divisão da LMDT, era acusado pela imprensa de ser o mais violento. Os jogadores passaram a disputar a bola “como um prato de comida”, era a necessidade das vitórias que garantiam o “bicho”, novo sustento da família dos jogadores do Vasco. As torcidas não queriam mais ver o time apenas competir, queriam ganhar, para poder aproveitar o resto da semana brincando com os torcedores dos outros times. Pagavam o ingresso e não admitiam corpo-mole dos jogadores, não admitiam erros dos árbitros, não admitiam ser humilhados por adversários, jogadores ou torcedores. Em 1904, num jogo do Germânia contra o São Paulo Athletic, pelo campeonato paulista, o Jornal do Comercio publicava nota em que afirmava que se deveria fazer uma

grave censura a grande parte dos espectadores que assistiram ao match de ontem. Esses assistentes, por diversas vezes, vaiaram jogadores e juiz, quando algum fato por eles praticado não era do seu agrado, e, o que mais nos doe dizer (oh! vergonha) notamos com grande sentimento, que até rapazes de outros clubes, cegamente interessados pela vitória de um ou outro team, para a boa colocação daquele que pertencem, também se excediam, fazendo protestos pouco dignos de sua posição. Esperamos que tão reprováveis cenas não se repitam (Mazzoni, 1950, p. 48).

O fenômeno, portanto não é novo e tem suas raízes na própria natureza do jogo de futebol.

Mas os espectadores se beneficiaram também com o desenvolvimento do esporte profissional. Os estádios ganharam algumas melhorias e o nível do espetáculo melhorou, pois os jogadores se dedicavam exclusivamente àquela atividade.

2.2 A estrutura peculiar dos campeonatos no Brasil

A indústria dos esportes, e do futebol em particular, se distingue das outras indústrias pela natureza de seu produto. Os times precisam uns dos outros para organizar campeonatos e todos cooperam para a obtenção de um mesmo produto, as partidas de futebol. As ligas, que seriam as entidades com maior poder nessa indústria organizariam as regras para o funcionamento do futebol e os times agiriam livremente na execução dessas regras, como quantos jogadores contratar, o valor dos salários, o tamanho dos estádios que construiriam. Apesar da aparente livre entrada e saída dos times das ligas, muitas vezes estas atuaram como uma espécie de cartel, expulsando ou deixando entrar os times de futebol de acordo com os interesses dos que administravam a liga. Isso também fica claro na relação dos clubes grandes do Rio com o Vasco a partir de 1924, quando foi criada uma liga para que o Vasco não jogasse com os grandes e ameaçasse o poder estabelecido por eles há duas décadas.

A estrutura adotada pelos campeonatos de futebol no Brasil, no início do século XX, segue a estrutura dos campeonatos dos seus inspiradores, os ingleses. Sistema de promoção e rebaixamento, com os campeonatos separados em divisões mais fortes e fracas. Havendo condições financeiras, podia-se montar um time, pagar para se inscrever na liga que organizava os campeonatos e disputar ano a ano a subida até a divisão principal. Assim era na Inglaterra, mas diferente dos Estados Unidos, outro país pioneiro no desenvolvimento dos esportes profissionais.

As duas primeiras ligas esportivas do mundo foram a liga inglesa de futebol e a norte-americana de beisebol, em 1871. Nos Estados Unidos a fundação da *National League*, naquele ano, marca o início dos torneios mais organizados de beisebol. Na Inglaterra a fundação da *Football Association*, em 1863, e do primeiro torneio, a *F.A. Cup*, também em 1871, marca o início dos campeonatos na Inglaterra, no sistema conhecido no Brasil como mata-mata, com jogos eliminatórios entre as equipes. Enquanto a liga inglesa foi montada com o sistema acima descrito, de entrada livre dos times, a liga de beisebol norte-americana, foi montada como uma espécie de cartel de *franchisings*, em que cada cidade tinha uma única equipe comprada por um grupo e investidores. Não havia, e atualmente ainda não há 2ª divisão, nem rebaixamento. Se sua *franchising* não der lucro pode ser repassada para outro grupo de investidores em uma outra cidade. Como se o seu clube do coração, de São Paulo, por exemplo, pudesse, depois de uma temporada ruim, ir parar no Maranhão. Segundo os autores do artigo *Similar Economic Histories* (Cain; Haddock, 2005), a opção por esse tipo de organização adotada pela liga de *baseball* norte-americana se deu pelo tamanho do país, que transformava viagens muito longas em um grande prejuízo para os pequenos clubes que se formavam e não conseguiam arcar com as despesas dos grandes deslocamentos. Não raramente faltavam aos seus compromissos e acarretavam ainda maiores prejuízos para as ligas que administravam os campeonatos e para os times adversários. Assim, com esse sistema de cartel de times, as viagens eram otimizadas e num mesmo deslocamento os times passavam por três ou quatro cidades e faziam os jogos. Já na Inglaterra, as distâncias menores e o desenvolvido sistema ferroviário daquele país transformavam os times em vizinhos. Enquanto os times de beisebol dos EUA às vezes tinham que percorrer mais de 2000 km para jogar, os times da Inglaterra não viajavam mais de 80 km. Vale ressaltar que o beisebol se tornou muito popular durante a Guerra Civil norte-americana e que, com o fim dos combates, a idéia de integração nacional fazia com que fosse imperativo um campeonato nacional. Por isso, os times da Costa Leste deveriam fazer jogos com os da Costa Oeste, bem como times do Norte contra times do Sul, elevando as tensões dentro do campo para esvaziá-las no sentido real. Garantiam-se as lutas simbólicas entre times que representavam maneiras diferentes de se comportar e ver a vida e ao mesmo tempo havia

uma integração saudável através do esporte. O sistema adotado pelos outros esportes nos EUA até hoje é esse, inclusive a Major League Soccer.⁷ Essa falta de vínculo dos times-*franchising* dos EUA pode ser uma pista para explicar a falta de fanatismo dos torcedores dos mais variados esportes deste país.

Num país como o Brasil, praticamente do tamanho dos EUA, a lógica norte-americana não teve lugar. As grandes rivalidades entre paulistas, cariocas, mineiros, gaúchos e a falta de um verdadeiro projeto de integração nacional através do futebol, que só aconteceria em 1971 com o primeiro Campeonato Brasileiro, dificultaram a formação de um campeonato nacional e facilitaram a formação das ligas paulista, carioca, mineira, gaúcha, baiana e outras ligas que de início não eram ainda regionais, ou estaduais, mas metropolitanas, como a do Rio e a de São Paulo. Enquanto na Europa e nos EUA se organizavam campeonatos nacionais, as distâncias entre os centros do futebol aliadas a uma falta de integração no futebol, e no próprio país, desses centros – que eram também os principais centros econômicos, deram uma dinâmica própria à estruturação dos campeonatos de futebol no Brasil. Campeonatos estaduais ou metropolitanos, que garantiriam a possibilidade econômica de jogos regulares e sem grandes despesas de viagens, sem a preocupação de formação de um campeonato nacional. Apenas alguns jogos interestaduais de clubes ou de seleções estaduais, que seria chamado pela crônica esportiva da época de Campeonato Brasileiro, e que acirravam ainda mais as rivalidades entre esses centros.

Além disso, a falta de meios de transporte baratos e desenvolvidos, que pudessem facilitar a vida do torcedor-consumidor a acompanhar o seu time em distâncias maiores, foi determinante na execução do plano de estruturação das ligas brasileiras de futebol. Era impossível a um carioca pagar o preço de uma passagem de ida e volta a São Paulo, enfrentar uma viagem que durava mais de 8 horas apenas para se chegar ao destino, para acompanhar seu time e estar pronto para o trabalho no dia seguinte. Ele não tinha nem dinheiro e nem condições físicas de agüentar esse tipo de deslocamento. Já fazia um sacrifício enorme de sair da Zona Sul para acompanhar seu time em Bangu, e só o fazia pois os times alugavam vagões

(7) *Major League Soccer* é a principal liga de futebol dos EUA.

especiais nos trens para os jogadores e torcedores a preços módicos.⁸ Em relação ao deslocamento dos torcedores, assim um jornal da cidade se manifestava:

*“Quando o sportman tem a infelicidade de não dispor, no dia, de alguns cobres para a ‘vacca’ do táxi, ou de um amigo que lhe faça a gentileza desse transporte menos lento, tem que ir ali no bonde, com todas as baldeações do stylo, a roer as unhas ou a gastar os nervos impacientes noutra qualquer serviço capaz de entretel-o e desfogal-o”*⁹ referindo-se aos torcedores do Fluminense e suas dificuldades de chegar ao Andarahy para acompanhar o seu time. No final do artigo são tratados como verdadeiros “heroes”, tamanho o sacrifício pelo qual tinham que passar.

Garantir casa cheia era colocar os times da cidade para jogar. De vez em quando trazia-se uma seleção estadual ou clubes conhecidos de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, torcedores da cidade unidos para assistir ao jogo, com garantia de casa cheia. Percebe-se que a organização das ligas de futebol tem como preocupação maior a possibilidade de se conseguir estádios cheios na maior parte do tempo e veremos neste trabalho que, apesar de uma elite branca que controlava o futebol querer expulsar o time de negros e brancos pobres e profissionais do Vasco em 1924, aceita a sua volta em 1925 de olho nas polpudas rendas do time vascaíno.

3 O futebol e o desenvolvimento do capitalismo no Brasil

3.1 A “economia dos esportes”

Uma das análises importantes que carece de trabalhos científicos é um estudo do futebol profissional do Brasil à luz do desenvolvimento do próprio capitalismo brasileiro. Sem ter a pretensão, neste momento, de aprofundar este tema, apenas alguns pontos serão levantados para que um possível estudo mais embasado possa ser feito. O futebol brasileiro, do início do século XX, é apenas um iniciante na engrenagem da “economia do futebol” e até mesmo dos esportes profissionais do mundo. Como já foi descrito acima, as ligas, de futebol na Inglaterra e de beisebol nos EUA, existem desde 1871 e para um entendimento melhor da própria

(8) Era prática dos times da Zona Sul esse tipo de expediente, como em 21 de abril de 1918, a diretoria do Fluminense disponibilizou o trem a 1\$000, ida e volta para Bangu, ao que acorreram 300 torcedores tricolores que eram a maioria no estádio (*Correio da Manhã*, 22 abr. 1918).

(9) *Correio da Manhã* (15 abr. 1918).

comercialização dos esportes no Brasil, torna-se imperativo um pequeno resumo da comercialização dos esportes na Inglaterra, o berço da indústria esportiva. Lá, o ato de cobrar entradas para jogos esportivos, data do século XVIII, quando as corridas, as lutas e os jogos de cricket já tinham público disponível para desembolsar dinheiro e ver os esportistas pelo país (Vamplew, 2004, p. 43). Isso só pôde ocorrer devido à industrialização pela qual passava aquele país. Operários concentrados em grandes centros urbanos e com tempo livre para se divertir e gastar o pouco que sobrava de seus salários. Mas é só no final do século XIX, com uma nova revolução na indústria, que os esportes comercializados vão ganhar vulto de verdadeiras indústrias do entretenimento. Na chamada Era Vitoriana, grandes públicos pagantes em eventos esportivos tornam-se constantes. As vitórias no campo dos direitos trabalhistas e o grande impulso dado pelo governo inglês aos esportes- que mostrariam ao mundo o quão cordiais e civilizados podiam ser os ingleses, lotavam as praças esportivas já pelos idos das décadas de 80 e 90 do século XIX.

Enquanto isso, no Brasil, os esportes comercializados, ou comercializáveis, apenas engatinhavam. Apenas o turfe tinha uma conexão direta, mas através das apostas nos jóquei-clubes. A demanda individual por esportes depende do tempo disponível do espectador, de sua situação econômica, do preço dos ingressos e de sua predileção por este ou aquele esporte. Com o fim da escravidão e aumento significativo de imigrantes no Brasil em finais do século XIX, uma grande massa de trabalhadores se formavam nos grandes centros urbanos. O crescimento industrial e o desenvolvimento das principais cidades brasileiras apresentado no período caracterizam a potencial formação de um público de consumidores de espetáculos esportivos. Só com o crescimento dos centros urbanos e com os trabalhos típicos das cidades é que começa a haver mais tempo disponível e mais dinheiro para ser gasto em eventos de entretenimento.

Segundo T. Mazzoni, o futebol brasileiro deixava de ser adolescente em 1917. Após sua infância (1894-1911) e o fim a sua adolescência (1911-1917), entrava na fase do “falso amadorismo”, afirmando que “a invasão de elementos de todas as camadas sociais motivou essa evolução” (Mazzoni, 1950, p. 115). Nesse mesmo ano negros e mulatos começam a aparecer no selecionado carioca, como Monteiro, mulato do Andarahy, ou Epaminondas do São Cristóvão, primeiro negro a jogar na seleção carioca. Também observou-se o primeiro anúncio esportivo usando um garoto propaganda,

tendo como exemplo a “shooteira” modelo Marcos, que provavelmente faz alusão ao glorioso *keeper* do Fluminense, Marcos Carneiro de Mendonça. Essas propagandas de artigos esportivos em jornais são uma prova de crescimento e ampliação de uma classe média consumidora, que também se tornava consumidora do próprio espetáculo.

Com o desenvolvimento dos esportes, os jornais ganhavam com mais leitores interessados nas notícias esportivas, ganhavam as casas de material esportivo, ganhavam as ferrovias e bondes que levavam mais passageiros em horários ociosos, como domingo à tarde, ganhavam os clubes com as rendas que começam a se tornar cada vez maiores. Apenas os jogadores que não ganhavam oficialmente.

Antes de uma análise das rendas dos jogos, devemos estar atentos à natureza do produto que se oferece e como se organiza a indústria que oferece esse produto. Como já foi citado, as ligas esportivas oferecem um produto peculiar. Os jogos de futebol são o produto a ser vendido. Os times devem cooperar uns com os outros e a importância do interesse coletivo levou autores como Stephen Dobson e John Goddard que as ligas, do ponto de vista da teoria econômica, devem ser consideradas como as mais relevantes unidades de tomadas de decisão dentro da organização dos esportes (Dobson; Goddard, 1998, p. 763-785). Os espectadores querem assistir a um jogo de futebol, e mais interesse terão se não souberem qual o resultado da partida. Para que os jogos permaneçam equilibrados, é necessário que haja um número de equipes com seus elencos fortes o suficiente para manter a atração pelo espetáculo. Por isso os clubes se unem para a formação de ligas para constituir em verdadeiros cartéis que emergem de uma interdependência mútua dos clubes cientes que as rendas do seu clube dependem da performance de todos os clubes. Os clubes não são competidores esportivos, mas parceiros econômicos. É claro que a equipe que conseguir mais vitórias terá um público maior, mas há uma exigência dos espectadores por jogos de alto nível, e para isso são necessários adversários há altura.

Usando o modelo idealizado por Wray Vanplew, as funções básicas dessas ligas-cartéis seriam: ser um centro de poder para regular os campeonatos e punir os infratores; regular o mercado de jogadores instituindo leis de troca de jogadores e organizar um campeonato de um tamanho compatível com o mercado em que está inserido; maximizar as rendas melhorando o produto, mudando as regras, fazendo jogos especiais,

determinando o preço dos ingressos e o número de jogos a serem jogados; e, finalmente, manter a viabilidade da liga, inclusive apoiando os times mais fracos, para que sempre haja um número suficiente de times (Vamplew, 2004, p. 112-113).

3.2 Um grande negócio

A Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, a que cuidava do campeonato carioca nesse período de maturação do futebol brasileiro, assim procedia, ainda que o último item fosse deixado de lado. O caso do jogador Palamone, que em 1919 queria se transferir do Mackenzie, de São Paulo, para o Botafogo, do Rio, é típico. Para a inscrição de novos jogadores, a LMDT determinava que os atletas tivessem residência na cidade de, no mínimo, 60 dias. Palamone jogou pela seleção da APEA (Associação Paulista de Esportes Athleticos) 30 dias antes de estreiar pelo Botafogo, contra o Fluminense. A APEA entrou com representação contra o jogador na Confederação Brasileira de Desportos. O Fluminense entrou com representação contra o jogador e contra o Botafogo na LMDT. Esse exemplo mostra que as regras estabelecidas tinham o intuito de regular as atividades inter-times para que não houvesse abusos e desequilíbrios entre os times, principalmente os grandes. A APEA não queria perder um dos craques de sua liga. O Fluminense não queria que o Botafogo recebesse um craque, principalmente de maneira irregular. Mas a LMDT, cansada de ver o Fluminense levantar títulos no Rio (o clube havia sido bi-campeão em 1917 e 1918, e seria também em 1919) e pela maior equidade da competição, não só aceitou a inscrição de Palamone, como obteve apoio da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e simplesmente ignorou as reclamações dos tricolores cariocas.

A partir de 1918, os jornais passam a noticiar com maior frequência o preço dos ingressos e percebe-se uma clara distinção entre os *sócios* do clube e os simples *torcedores*, aqueles que pagavam ingresso para ver seus times.¹⁰ No mesmo ano, o Botafogo, em jogo contra o São Cristovão vendeu 1.025 entradas para gerais e 1.074 para arquibancadas, gerando uma renda total de

(10) *O Imparcial* divulgava 4\$000 para arquibancada e 2\$000 para a gerais para o jogo RJ x SP; 3\$000 arquibancada e 1\$500 gerais para o jogo RJ x MG; e 1\$000 arquibancada e \$500 gerais para Botafogo x Fluminense.

3:173\$000¹¹ e no ano seguinte o jogo contra o São Christovão já rendera 7:560\$000.¹² Segundo T. Mazzoni, em São Paulo, o Paulistano, campeão paulista de 1918, obteve um total de renda de seus jogos de 27:888\$800, tendo tido como gastos para o mesmo ano, com jogadores e bolas 6:962\$300, e com bondes e automóveis 1:657\$900. Esses números geraram um lucro líquido de 19:268\$600,¹³ investidos em melhorias do seu campo e no financiamento de excursões do time ao exterior. Ainda em 1918, o Botafogo trouxe dois jogadores uruguaios para seu time: Monty e Beregaray. Mais um dos casos típicos do falso amadorismo: arrumava-se um trabalho de fachada para os dois e eles poderiam assim reforçar a equipe do Botafogo.

Mas foi no ano de 1919 que o futebol realmente se tornou um grande negócio. Foi o ano do campeonato sulamericano, disputado no Brasil. O Fluminense construiu seu campo justamente para esse fim e, a partir desse ano, temos à disposição mais número referentes a preço de ingressos e rendas de alguns jogos, sempre dependendo da crônica esportiva da época ou dos mal organizados arquivos dos clubes. Até para os treinos da seleção foram vendidos ingressos ao preço de 2\$000 a arquibancada e \$1000 as gerais¹⁴ e depois caindo pela metade,¹⁵ devido à reclamação dos torcedores e dos jornais. Para o Campeonato Sulamericano os preços eram de 10\$000 as cadeiras numeradas, 5\$000 a arquibancada e 3\$000 as gerais, vendidos na maior casa de artigos esportivos da cidade, a Casa Stamp. Os jogos do Brasil, contra Chile, Argentina e Uruguai (2 jogos) tinham mais de 30 mil pagantes, segundo os periódicos da época.¹⁶ Houve quem anunciasse no jornal, na véspera da final entre Brasil e Uruguai, oferecendo 300\$000 por duas arquibancadas. E o proprietário do morro ao redor do campo do Fluminense cobrou \$500 de cada torcedor que ali se colocou para assistir ao jogo, conseguindo uma boa renda com essa iniciativa (Mazzoni, 1950, p. 143).

Visto serem grandes as possibilidades de lucro com as partidas de futebol, a temporada carioca foi a melhor até então. O público, entusiasmado com a vitória do Brasil no torneio sul-americano, lotou as praças esportivas. Os clubes e a LMDT se aproveitaram dos proventos desses jogos. Ainda em

(11) “Ata da sessão da Directoria de 29 de abril de 1918”, Botafogo F.C.

(12) *O Imparcial* (8 abr. 1919).

(13) Mazzoni (1950, p. 125).

(14) *Correio da Manhã* (7 abr. 1919).

(15) *O Imparcial* (4 maio 1919).

(16) Todos os periódicos consultados afirmam que se calculava a assistência em mais de 30 mil pessoas. *O Imparcial*, *O Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *O Paiz*.

1918, a Liga Metropolitana já exagerava nas suas multas: 100\$000¹⁷ por jogador irregular, 50\$000 para os árbitros que preenchessem a súmula com erros e 10\$000 para o árbitro que não comparecesse aos jogos em que foram escalados.¹⁸ Em janeiro de 1919, a prefeitura do Rio de Janeiro resolve aprovar um novo artigo da lei da receita orçamentária, o artigo 270, do decreto legislativo 2.073, que começaria a vigorar a partir do dia 10 de janeiro de 1919, que dizia o seguinte:

As sociedades de regatas e de football ficam isentas de pagamento de todos os impostos, emolumentos e contribuições municipais, ao sendo, porém, permitida, sob pretexto algum, a realização de matches de football no período compreendido de 1º de novembro a 31 de março (*Correio da Manhã*, 9 jan. 1919).

Esse período era o de maior calor na cidade. Por isso, deveriam ser preservados os atletas com o intuito de preservar a saúde dos mesmos. Mas como se deve imaginar, aquele “sob pretexto algum” não vigorou. O campeonato de 1919 teve jogos até dia 27 de dezembro. Após muitas discussões, o prefeito Sá Carneiro liberou os clubes devido ao atraso da competição que se deu por causa do Campeonato Sulamericano e da epidemia de gripe espanhola de 1918, que fez com que esse campeonato só terminasse no ano de 1919. Começaram também as primeiras discussões a respeito de uma flexibilização na transferência de jogadores. O *Correio da Manhã*, que transcrevia boa parte das reuniões e atas da LMDT, mostrava que havia interesse em mudar as regras para que um jogador pudesse sair de um time e jogar no outro, e ficar um ano sem jogar no primeiro time, a chamada Lei do Estágio. Uma medida simples, que mostra o caráter comercial que começava a ganhar o nosso *football*: pagar uma multa, uma taxa, uma espécie de rescisão de contrato. Contrato que, diga-se de passagem, não existia. Uma emenda, a de n. 16, no Art. 77 dos estatutos da Liga Metropolitana, afirmava o seguinte:

aonde se diz ‘não poderá jogar nessa temporada por club algum’ diga-se ‘só poderá jogar mediante novo pedido de inscrição cuja taxa será elevada a 10\$000 (*Correio da Manhã*, 27 fev. 1919).

No ano de 1919, o Fluminense contratou o massagista da seleção uruguaia, Ramon Platero, que também prestava serviços à Liga

(17) Para se ter uma idéia dos valores ver as tabelas de preços e orçamento familiar dos período estudado no final do artigo.

(18) *Correio da Manhã* (22 abr. 1918).

Metropolitana, mas aqui como técnico de futebol. Quando tinha jogo do *scratch* carioca, lá estava Platero. O treinador e massagista recebia, e bem, pelos serviços para a liga:

Reunião da Directoria da Liga:

(...) g) gratificar com 100\$000 o sr. Ramon Platero pelos serviços de treinar e massagista do referido jogo (*Correio da Manhã*, 2 mar. 1919).

Para completar essa explosão econômica que vivia o futebol brasileiro naquele 1919, T. Mazzoni afirmou que o Palestra Itália desembolsou 500:000\$000(!) pelo Parque Antártica, que passaria a ser a sua casa (Mazzoni, 1950).

O futebol chegava realmente à sua fase madura. A luta que se seguiria agora era pela democratização efetiva do futebol. Pela liberação dos negros, mulatos e analfabetos para a prática do futebol nos grandes clubes. Dar no futebol o espaço que a população de mais baixa renda já tinha nas fábricas, nos portos, nas ferrovias, nas casas comerciais e nas arquibancadas. E quando essa população entrou em campo, a identificação com a arquibancada transformou o futebol no grande esporte do país. Além disso, esses negros e mestiços jogavam muito bem futebol. Era justo que recebessem pelo seu trabalho. Esse foi um processo em que o Vasco da Gama teve papel fundamental. Estava preparado o terreno para que os clubes pudessem ir atrás dos melhores jogadores da cidade. Os estádios enchiam, a cobrança de ingressos trazia dividendos importantes para o clube e as vitórias traziam mais público, e portanto mais dinheiro, além do prestígio. A fórmula era simples, mas os melhores jogadores não se encontravam dentro do quadro social dos clubes da elite do Rio de Janeiro. Estavam nos subúrbios, eram jogadores negros, mestiços e brancos pobres, oriundos das camadas menos abastadas da cidade. Era inevitável que os clubes fossem atrás desses jogadores. Mas essa prática revolucionaria o futebol-amador do Brasil.

4 A “zona de sombreamento”

4.1 Futebol nos subúrbios

Um trabalho bastante produtivo vem sendo desenvolvido, para o desenvolvimento de minha tese de doutorado, em busca do futebol que “alimentava” os grandes clubes da cidade: o futebol dos subúrbios do Rio de Janeiro. Um estudo sobre o que chamarei de “zona de sombreamento” do

futebol, sobre os clubes e as ligas que passaram a fornecer jogadores para os clubes da elite da cidade, principalmente o Vasco da Gama, a partir de 1919. Faz-se imperativo esse para reconstituir com maior precisão o período estudado e compreender melhor a inserção dos jogadores oriundos das camadas mais baixas da sociedade neste esporte.

Ao fazer consultas nos periódicos, verifiquei que os clubes da cidade do Rio, fossem eles de qualquer natureza, deveriam registrar seus estatutos na polícia e no Departamento de Registro de Títulos e Documentos, além de pedir uma licença anual para seu funcionamento pagando uma pequena taxa,¹⁹ de acordo com a Lei Federal n. 173 de 10 de setembro de 1893. Juntamente com essa documentação, comecei um lento processo de leitura do jornal *O Imparcial*, sem dúvida o jornal de grande circulação que maior atenção dava aos campeonatos do subúrbio da cidade. Outro periódico que mereceu destaque em minha análise foi *A Gazeta Suburbana*, mas infelizmente não existem muitos números deste jornal, mas as informações ali encontradas foram extremamente valiosas para este trabalho.

É importante analisarmos com bastante cuidado esta documentação e as informações a respeito dos clubes e das ligas suburbanas. São essas associações, juntamente com os blocos carnavalescos, que formam o conjunto de agremiações que possibilitavam à população de mais baixa renda unir-se para buscar atividades que fugiam ao seu cotidiano do trabalho na cidade. O número de registros de estatutos de clubes de futebol e de blocos carnavalescos é gigantesco. São 158 estatutos encontrados nos arquivos e mais pelo menos 14 agremiações cujos estatutos ainda não foram encontrados, contabilizando somente os clubes cujo objetivo principal era a prática do *football*. Nos periódicos, podemos constatar a presença de nada menos que 7 ligas de futebol, sendo que duas delas, as mais famosas, carregavam com orgulho o nome que lhes identificavam geograficamente na cidade: a *Associação Athletica Suburbana* e a *Liga Suburbana de Football*. Esta última contava com campeonatos de 1ª e 2ª divisão e a maioria do clubes participava dos campeonatos com três times (o 1º, 2º e 3º *teams*). No dia 28 de abril de 1919, o jornal *O Imparcial* publicava nota afirmando que no final de semana anterior, haviam tomado parte em jogos na cidade “1980 jogadores, sem incluir os que tomaram parte em muitos treinos.” E ainda

(19) As taxas cobradas pela polícia variam de ano para ano. Em 1919, por exemplo, pagava-se \$8000 para se registrar o estatuto de uma agremiação e mais \$600 para a licença de funcionamento anual com selos administrativos do governo.

afirmava serem “*poucos, pois a média, anualmente, é de 4000 a 5000. É que os campeonatos da Liga Metropolitana ainda não começaram, bem como de outras ligas*”.²⁰ Se pensarmos que a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), a liga dos clubes da elite, tinha três divisões, com oito clubes cada, e que cada clube tinha 3 times disputando o campeonato, chegamos ao número de 72 times, ou cerca de 800 jogadores. Ao analisar o número de clubes e campeonatos das outras ligas, parece que a afirmação do jornal está correta em relação ao número de jogadores envolvidos em jogos e treinos nos finais de semana. Portanto, o número de jogadores que tomavam parte nos jogos dos times não participantes da Liga Metropolitana chega a ser até 5 vezes maior que o número de jogadores dessa que é a principal liga da cidade.

Num estudo muito interessante feito por Leonardo A. de Miranda Pereira (2000) percebe-se que o futebol se espalhava pelo Rio de Janeiro e tomava os subúrbios da cidade. O autor analisou uma lista de 171 clubes da cidade publicados no jornal *O Imparcial*, em 1919, e relacionou com os dados do *Recenseamento do Brasil de 1 de dezembro de 1920*, mostrando como o número de times de futebol acompanhava o número de população nas diversas zonas da cidade. Por exemplo, na chamada *zona chic* da cidade, composta pelos distritos Glória, Lagoa, Santa Teresa e Copacabana havia 21 times, cerca de 13,4% dos clubes, numa região que tinha 13,6% da população carioca. A maior parte dos clubes do Rio estava nas zonas mais afastadas da *zona chic*. Nos distritos suburbanos da cidade, Méier, Andaraí, Gávea, Tijuca, São Cristóvão, Engenho Novo e Engenho Velho, estavam concentrados 35,6% dos clubes (61 clubes), e 27,7% dos moradores da cidade. Nos chamados distritos rurais, Jacarepaguá, Inhaúma, Guaratiba, Santa Cruz, Campo Grande, Ilhas do Governador e Paquetá, estavam 27,4% dos clubes, ou 47 clubes. Os distritos centrais, Candelária, São José, Santa Rita, Sacramento, Santana e Espírito Santo, ficavam com o terceiro lugar em número de clubes, 40, ou 23,3% do total. Desses subúrbios começavam a surgir os novos craques do futebol carioca. Nessas duas últimas regiões, onde estavam sediados mais da metade dos clubes, estavam mais de 60% da população carioca. Os jogadores encontravam nos diversos clubes, times e campeonatos de futebol dos subúrbios o espaço para se destacarem e

(20) *O Imparcial* (28 abr. 1919).

começaram, então, a chamar a atenção dos grandes clubes pela sua habilidade futebolística.

Analisando, por exemplo, as mensalidades e jóias (um valor pago no ato da inscrição desses clubes) e, comparando-as com os maiores times da cidade, podemos ter uma proporção de como esses clubes abriam um espaço maior para as camadas mais baixas. São mensalidades, na grande maioria, de 1\$000 e jóias de 3\$000. Em alguns casos, as mensalidades e as jóias aumentam, mas raramente ultrapassam os 3\$000 réis. Pouco perto dos 10\$000 réis por mês pedidos pelo Fluminense e pelo Flamengo, no ano de 1919.

Os estatutos das ligas suburbanas, alguns encontrados no Arquivo Nacional e outros publicados em periódicos do período, também são bem mais “democráticos”. Além dos valores cobrados por esses clubes, sem dúvida um fator limitador, as próprias instituições adotavam para seu sistema administrativo meios bastante democráticos de admissão de sócios e da própria gerência dos clubes. Em quase todos os estatutos eram proibidas quaisquer distinções de cor, nacionalidade, opção política ou religiosa. Como eram clubes, e por definição fechados, aquele que quisesse ser sócio deveria ser indicado por um outro sócio. A maior parte dos clubes pede para que se indique a profissão na ficha de admissão de sócios, mas nem todos fazem essa exigência. Nos estatutos da Associação Atlética Suburbana, por exemplo, não era exigida a indicação da profissão dos atletas, abrindo uma brecha estatutária para que os clubes contassem com jogadores que se dedicassem em tempo integral ao futebol. A comparação com os estatutos da LMDT pode demonstrar o caráter mais “democrático” das ligas suburbanas. Nos seus estatutos da principal liga de futebol da cidade, em 1917, afirmava-se que:

Serão aceitos os sportmen que preencherem as seguintes condições:

ser amador; [...] d) exercer profissão honesta; [...] f) saber ler e escrever; [...]

Será negado registro aos sportmen que estiverem em curso na seguintes disposições: aos profissionaes; b) aos mendigos; c) aos analfabetos.²¹

Podemos perceber o caráter elitista desses artigos em oposição aos estatutos das ligas mais modestas da cidade. Uma vez que o futebol de subúrbio crescia, aumentava também o público presente aos campos mais

(21) *Estatutos da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres* (1917).

modestos. Pode-se pensar que os clubes dos subúrbios não tinham muito dinheiro e não teriam como pagar gratificações a seus jogadores, mas a realidade era um pouco diferente. Todos os clubes analisados neste trabalho colocam como uma de suas fontes de receita “produtos das entradas em festas e jogos”, demonstrando que nos seus jogos também havia a prática da cobrança de entradas para os jogos. O preço dessas entradas era, provavelmente, mais barato do que os ingressos dos jogos das equipes grandes do Rio de Janeiro, mas a notícia publicada às vésperas do início do Campeonato Sul-Americano de futebol de 1919 nos dá uma dimensão do que representava a assistência do futebol nos subúrbios:

A A. A. Suburbana suspendeu o campeonato

A Associação Athletica Suburbana, em reunião do Conselho Administrativo, resolveu render de seu preito, justa homenagem à Confederação Brasileira de Desportes, suspendendo o seu campeonato durante o tempo do Campeonato Sul-Americano, tendo sido expedido officio nesse sentido, scientificando aquella digna instituição sportiva (*O Imparcial*, 9 maio 1919).

Os campeonatos das ligas suburbanas pararam durante o Sul-Americano, segundo o jornal, para prestar uma homenagem à CBD. Para não desviar a atenção do público daquele torneio que se realizaria no Brasil.

O mundo do futebol dos times mais acanhados do Rio de Janeiro podem nos dar pistas interessantes a respeito da realidade carioca e brasileira no início do século XX. O cenário é o de uma Capital Federal em rápido processo de industrialização e urbanização, com um sistema político novo que abria espaço à organização e participação. O anseio da participação política, em tempos novos de governo republicano no Brasil, pôde ser percebida em times como *É o Peso da Liberdade Football Club*, *Amigos da Pátria Football Club*, *Constituição Football Club*, *Imparcial Football Club*, *Primeiro de Maio Football Club*, *Republicano Athletico Club*, *Opposição Football Club*, *Sete de Setembro Football Club* e *Sport Club Liberal*. O sentimento de nacionalidade também se via presente nos nomes das agremiações, como o *Brazil Foot Ball Club*, *Brazil Athletico Club*, *Sport Club Braziliense*, *Brazileiro Football Club* e *Sport Club Brazil*.

Também os clubes que congregavam imigrantes aparecem com frequência como o *Argentino Football Club*, *Dublin Football Club*, *Liege Club*, *Mexicano Football Club*, *Iberia Football Club* e *Palestra Itália Football Club*, ou clubes de negros como o *Sport Club Africano*. A maioria dos imigrantes da cidade do Rio de Janeiro são portugueses, daí mais uma

das explicações para o fato de o Vasco da Gama ser um clube com uma grande torcida. De acordo com o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, após recenseamento em 1920, efetuado pelo Diretório Geral de Estatísticas e Recenseamento, havia, naquele ano, 210.515 portugueses na capital federal, representando um total de 72% dos estrangeiros da cidade²² e quase um quinto da população carioca. É impressionante a quantidade de clubes formados portugueses registrados na polícia para a prática do futebol: *Centro Portuguez de Desportes, Club Sport Luzitano, Lisboa Rio Athletico Club, Lisboa Rio Foot Ball Club, Luso Americano Foot Ball Club, Lusitadas Football Club, Luzitano Club, Sport Club Luzitano, Cruz de Malta Athletico Club, Sport Club Bemfica* (em referência ao Sport Lisboa e Benfica, de Portugal) e o *Club Gymnastico Portuguez*. Também eram formados clubes que provelmente uniam pessoas vindas de uma mesma região do Brasil, os migrantes, como o *Bahia Football Club, Goyas Athletico Club, Minas e Rio Foot Ball Club, São Paulo Rio Foot Ball Club, Sport Club Amasonas* e *Sport Club Piauhy*. E existiam ainda os clubes que usavam quase os mesmos nomes dos grandes clubes da cidade como o *União Botafogo Foot Ball Club, Sport Club Fluminense, Sport Club Flamengo* e o *America Suburbano*.

Lançando um olhar mais atento a essas agremiações, constata-se a importância desses clubes e dessas ligas na vida dos subúrbios cariocas e a representatividade desses na cidade do Rio de Janeiro. Passemos agora a uma breve análise dos clubes e das ligas dos subúrbios como verdadeiras fábricas de bons jogadores, os “craques” da bola, que alimentariam os times grandes da capital. Foram esses os clubes que forneceram ao Vasco da Gama o seu esquadrão, a partir de 1919.

4.2 O “celeiro de craques”

A SUBURBANA É NO FUTURO CAMPEONATO O CELEIRO DA METROPOLITANA.

Para os sportmen que entendem que a entidade suburbana não preenche os fins progressivos do desenvolvimento sportivo da nossa terra, como de quando em vez se propala nas rodas desportivas, levamos ao conhecimento daquelles que de facto se interessam pelo progresso do football, o escandaloso caso de suborno, de vantajosas promessas de bons empregos, de gordas gorjetas que estão sendo postas em prática aos jogadores da Suburbana para se filiarem aos diversos clubes das três divisões da Metro.

(22) Menezes (1996, p. 61).

Já sobe a número superior de 20 players que se transfiriram com malas e bagagem para a entidade da Rua Buenos Aires.

E depois digam que a Suburbana não é o celeiro da Metropolitana (*O Imparcial*, 22 mar. 1919).

DIZEM...

Que só tem bom jogo na Liga Suburbana, pois, entre o pessoal da Metro, não anda... (*Gazeta Suburbana*, 5 abr. 1919).

Assim, os jornais *O Imparcial* e *A Gazeta Suburbana* viam a situação do início temporada de futebol do ano de 1919. O que acontecia naquele momento era um novo fenômeno no futebol brasileiro. A formação de um mercado de jogadores de futebol. Aos jogadores desses clubes modestos eram oferecidos dinheiro e bons empregos para que mudassem de clube. Os clubes mais ricos da cidade concediam, através do futebol, possibilidade de ascensão econômica e social aos melhores jogadores da cidade.

Mas o que diferenciava os jogadores do subúrbio dos jogadores dos ricos clubes da cidade? Por quais motivos o quadro social tradicional dessas agremiações não dava conta de prover seus times principais? Essas respostas não são fáceis de elaborar. Trabalharemos aqui com algumas hipóteses. A principal delas é a de que esses jogadores mais humildes praticavam o futebol por mais tempo. Não temos dados concretos que fundamentem essas hipóteses, apenas alguns relatos da época. Mario Filho acreditava que alguns jogadores do subúrbio passavam o dia inteiro jogando futebol. Por serem mais pobres e por muitas vezes poderem ter trabalhos temporários, os chamados “bicos”, tinham mais tempo para jogar. O que podemos afirmar com certeza é que havia mais espaço nos subúrbios e portanto mais campos de futebol. Longe da especulação imobiliária da zona central e do encarecimento dos terrenos da zona sul, com as reformas na cidade no início do século XX, os subúrbios cariocas contavam com inúmeros campos, como atesta o grande número de clubes dessa região. Na biografia de Leônidas da Silva e Domingos da Guia, fala-se muito do futebol que eles jogavam no bairro. Eram as peladas, disputas em campos “pelados” de relva, que enchiam a vida dos garotos das zonas mais afastadas do centro.

Além disso, os jogadores de times como Fluminense, Botafogo, América e Flamengo eram todos engenheiros, médicos, advogados, homens de negócio, estudantes universitários, enfim, pessoas com uma posição mais elevada na sociedade e que faziam do *football* sua diversão, seu hobby, seu

passatempo. Sabemos que, por volta do final da década de 10 do século XX, muitos dos jogadores desses times já eram agraciados com prêmios de jogo, ajudas de custo para transporte e almoços e jantares pagos em restaurantes de bom nível. Os jogadores dos clubes menores tinham profissões mais modestas. Nos estatutos de alguns clubes de subúrbio, assinala-se a profissão dos seus diretores e assim podemos observar um pouco os quadros desses clubes. No *Amigos da Pátria Football Club*, no bairro Engenho de Dentro e com mensalidades de 1\$000, seus principais diretores trabalhavam no comércio ou eram empregados municipais.²³ Na lista de sócios do *Avaré Football Club*, cuja mensalidade era de 2\$000, estavam registrados sócios empregados públicos e do comércio, do exército, um estudante e aparece um advogado, o único “doutor” do clube. Os associados e footballers desses times moravam em bairros afastados do centro e da zona sul, como Piedade, Praça Saenz Peña, Riachuelo, Méier e até o advogado, Dr. Cantídio do Amaral, morava no bairro da Rocha, zona oeste da cidade.²⁴ O *Del Castilho Football Club*, do bairro de mesmo nome, cobrava uma mensalidade também de 2\$000 e tinha entre seus diretores funcionários públicos, um eletricitista, dois trabalhadores do comércio e um operário, o diretor esportivo.²⁵ Para se comparar com os times grandes, na documentação enviada pelo Botafogo em 1919 para a polícia do Distrito Federal com a lista de seus diretores, temos a presença de dois médicos e dois advogados, dentre os doze diretores. Os outros oito apresentam-se como comerciantes, funcionários públicos e estudantes.²⁶

Com uma origem mais humilde e vendo a nova prática dos times da Liga Metropolitana que oferecia dinheiro e melhores trabalhos, os jogadores das ligas suburbanas passaram a ver no futebol a sua possibilidade de ascensão. A procura por jogadores era intensa e um bom campeonato nas ligas menores da cidade poderiam garantir um lugar numa equipe maior, possibilitando uma vida melhor. O ano de 1919 mostrava-se profuso em movimentações de jogadores de vários tipos. Eram jogadores que trocavam de estado, que vinham do Uruguai para o Brasil, que vinham de times do

(23) *Estatutos do Amigos da Pátria de 14 de abril de 1921*. Arquivo Nacional.

(24) *Estatutos do Avaré Football Club de 30 de agosto de 1921*. Documentos da Polícia. Arquivo Nacional.

(25) *Estatutos do Del Castilho Football Club de 1921*. Arquivo Nacional.

(26) *Documento enviado pelo Botafogo Football Club com relação de sua diretoria de 16 de julho de 1919*. Arquivo Nacional.

interior do Brasil para o Rio de Janeiro²⁷ e principalmente dos times suburbanos para os times da LMDT. Como exemplos temos o Andarahy, da 2ª divisão da LMDT, que apresentou dois jogadores da Liga Suburbana, o extrema direita Aryston e o extrema esquerda Moacyr e o Sport Club Everest, que filiado à mesma liga, cobrando 5\$000 de mensalidade de seus sócios, apresentou o goleiro do *Dublin Football Club*.²⁸ Muitas outras notícias dão conta de transferências de jogadores nessas situações.

As movimentações entre clubes da Metro eram mais complicadas. Os jogadores que se transferissem para um clube dessa mesma liga eram obrigados a permanecer um ano no chamado “estágio”. Ficavam um ano inteiro sem poder jogar futebol. Mesmo assim havia jogadores que arriscavam. O jogador do Ypiranga F.C., Tasso Rodrigues, resolveu ficar um ano cumprindo a “Lei do Estágio” durante o ano de 1919, para poder jogar pelo Botafogo em 1920. Essas situações eram raras e a solução era trazer jogadores dos subúrbios, de outras cidades, de outros estados e até de outros países.

O jornal *Gazeta Suburbana* não se cansava de afirmar que os clubes grandes do Rio estavam arrancando os jogadores das ligas suburbanas:

DIZEM...

que o sr. Almeida Marques [diretor da Liga Suburbana] vai nomear uma comissão para apreender os ‘caçadores de players suburbanos’ (*Gazeta Suburbana*, 5 abr. 1919).

Chauffer [Nelson da Conceição], Pederneiras, Esquerdinha, Quintanilha [todos contratados pelo Vasco], Gonçalo, Godoy, Miranda e Lamartine e outros grandes sportmen suburbanos, vão solicitar do Ministério da Agricultura patente de invenção para um novo invento que denominam...voagem. Parabéns pelo novo invento (*Gazeta Suburbana*, 10 maio 1919).

Uma equipe, da 2ª divisão da Metropolitana se destacava das demais na prática de buscar jogadores dos subúrbios. Uma equipe que começou a montar um verdadeiro esquadrão no ano de 1919 e que levaria apenas cinco anos para ser campeão carioca da 1ª divisão. O Club de Regatas Vasco da Gama.

(27) No dia 21 de março de 1919, *O Imparcial* afirmava que o jogadores uruguaios Ravera, half-back do time Universal, desembarcavam para jogar no Rio, possivelmente o América. No dia 10 de abril, o mesmo periódico, afirmava que Braulio, jogador da equipe do Taubaté, interior de São Paulo, chegava à cidade para jogar no 2º time do São Christóvão.

(28) *O Imparcial* (25 abr. 1919).

OS QUE DESERTAM...

No Torneio Initium promovido há dias pelo gloriosos e intrépido Palmeiras, tomou parte o Vasco da Gama, apresentando em seu team vários elementos do Engenho de Dentro [clubes da Liga Suburbana, tricampeão desta liga em 1917, 1918 e 1919]. Dentre eles vimos Nelson (chauffer), Pederneiras e Quintanilha.(...) (*Gazeta Suburbana*, 5 abr. 1919).

O Vasco, apesar de ser o scratch da Liga Suburbana, teve de se empregar com afinco para derrotar seu competidor pelo score de um a zero (*O Imparcial*, 22 mar. 1919).

Essas e outras notícias davam o tom da nova polêmica gerada pelas atitudes do Vasco de recrutar os jogadores da Liga Suburbana. Pela leitura dos periódicos, percebe-se que essa não é uma prática nova. A grande mudança deste processo era o Vasco trazer tantos jogadores da Liga Suburbana que confrontavam as diretrizes da LMDT. Na *Gazeta Suburbana*, os cronistas faziam uma brincadeira, supondo diálogos entre pessoas envolvidas no futebol, na seção *Pelo sem fio*. Numa dessas supostas conversas, o jornal publicava o seguinte, após todas essas contratações do Vasco:

PELO SEM FIO

Informações de toda a parte

Chauffer, Esquerdinha, Pederneiras e Quintanilha [ex-jogadores do Engenho de Dentro e agora no Vasco da Gama] – 10:000\$000 é dinheiro pr'á burro, se arranjares para mim, irei também.

Gonçalo.

Essa não é uma conversa real, mas pode dar a sensação vivida pelos cronistas da época do movimento que vinha se dando nos campos de futebol. E o Vasco encabeçava esse processo. Pagando seus jogadores, transformando-os em atletas profissionais, rapidamente subiu da 2ª para a 1ª divisão da LMDT e, em 1923, ano de estréia do clube na divisão principal, foi campeão, rompendo com a hegemonia dos times mais ricos e brancos da capital.

Referências bibliográficas

CAIN, Louis P.; HADDOCK, David. D. Similar economic histories, different industrial structures: transatlantic contrasts in the evolution of professional sports leagues. *The Journal of Economic History*, v. 65, n. 4, Dec. 2005.

- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- CARONE, Edgard. *A República Velha (instituições e classes sociais)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972-1974.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro na Belle Époque*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DOBSON, Stephen; GODDARD, John. Performance, revenue, and cross subsidization in the Football League, 1927- 1994. *Economic History Review*, v. 51, n. 4, 1998.
- DOWNWARD, Paul; DAWSON, Alistair. *The economics of professional team sports*. United Kingdom: Routledge, 2000.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1976.
- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LOBO, Eulália M. L. Estudo das categorias socioprofissionais, dos salários e do custo da alimentação no Rio de Janeiro de 1820 a 1930. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 7, out./dez. 1973.
- _____. *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.
- MALHANO, Clara. *São Januário Arquitetura e História*. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2002.
- MAZZONI, Thomas. *História do futebol brasileiro*. São Paulo: Edições Leia, 1950.
- MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

MORTARA, Giorgio. Um enigma resolvido: A população do Brasil. *Estudos Brasileiros de Demografia*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 1, n. 7, p. 72-73, jul. 1947.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Apresentação. In: MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de; FERLINI, Vera Lúcia Amaral (Org.). *História econômica: agricultura, indústrias e populações*. São Paulo: Editora Alameda, 2006.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1942.

RIBEIRO, Gladys Sabino. *Mata-galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SERRÃO, Joel. *A emigração portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1974.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

SODRE, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VAMPLEW, Wray. *Pay up and play the game: professional sport in Britain, 1875-1914*. London: Paperback, 2004.

Fontes primárias

Fontes impressas

Relatórios Anuais do Fluminense, 1910- 1931.

Careta, 1919-1924.

Correio da Manhã, 1915-1923.

Gazeta de Notícias, 1919-1924.

O Imparcial, 1915-1923.

Jornal do Brasil, 1915-1923.

O Paíz, 1915-1923.

João Manuel Malaia

A Nação, 1923.

Almanak Laemmert, 1919-1923.

A Gazeta Suburbana, 1919.

Recenseamento do Brasil realizado pelo Ministério da Agricultura e da Indústria. Directoria Geral de Estatísticas, em 1 de setembro de 1920.

Fontes manuscritas

Estatutos dos clubes e ligas registrados na Polícia do Distrito Federal (1914-1919) - Arquivo Nacional (RJ)

Ata da sessão da Directoria de 29 de abril de 1918, Botafogo F.C.

Anexo 1

Preço de alguns dos principais artigos de 1ª necessidade na cidade do Rio de Janeiro

	1893	1914	1919	1924
Arroz (Kg)	\$250	\$747	\$960	1\$600
Assucar (Kg)	\$500	\$892	1\$060	1\$300
Batatas (Kg)	\$240	\$316	\$560	\$600
Carne Fresca (Kg)	\$800	\$900	1\$200	1\$500
Feijão Preto (Kg)	\$320	\$380	\$380	1\$400
Leite (L)	\$300	\$400	\$300	1\$200
Pão (Kg)	\$400	\$600	\$900	1\$000

Fonte: *Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio* (1919- 1934).

Anexo 2

Orçamento das despesas mensais de uma família composta de 7 pessoas na cidade do Rio de Janeiro

Anos	Gêneros alimentícios	Combustível e luz	Vestuário	Casa Aluguel	Criados	Móveis, utensílios e roupa de cama	Total
1914	318\$445	67\$930	50\$000	200\$000	40\$000	30\$000	706\$375
1915	346\$814	77\$840	55\$000	210\$000	45\$000	32\$000	766\$654
1916	374\$547	90\$588	60\$000	210\$000	45\$000	34\$000	823\$135
1917	420\$099	120\$674	65\$000	220\$000	45\$000	36\$000	906\$773
1918	464\$317	160\$767	70\$000	240\$000	45\$000	38\$000	1:018\$084
1919	484\$440	142\$120	75\$000	260\$000	50\$000	40\$000	1:051\$560
1920	515\$358	141\$991	100\$000	300\$000	55\$000	45\$000	1:157\$359
1921	542\$060	133\$760	100\$000	300\$000	60\$000	50\$000	1:185\$820
1922	547\$620	177\$090	100\$000	350\$000	70\$000	60\$000	1:299\$610
1923	611\$547	166\$440	110\$000	400\$000	75\$000	70\$000	1:433\$087

Fonte: *Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio* (1919- 1935).